

LÓGICA CONVERSACIONAL E TÉCNICA PSICANALÍTICA*

Simone Ribeiro Garcia e Francisco Martins

Simone Ribeiro Garcia
Psicóloga, mestre
em psicologia
clínica pela
Universidade de
Brasília.

Francisco Martins
Psicanalista, doutor
em psicologia
clínica pela
Université
Catholique de
Louvain, professor
na Universidade
de Brasília.

RESUMO: O presente trabalho tem como interesse explorar a linguagem enquanto parte constitutiva da técnica do método psicanalítico, a partir do enfoque pragmático da filosofia da linguagem ordinária. Tendo como ponto de partida a teoria sobre *Lógica e conversação*, de H. P. Grice, analisa os traços gerais da fala em análise, tal como propôs originalmente Freud, e o que se diferencia dos traços gerais da conversação ordinária. Busca-se demonstrar que a associação livre em conjunto com a atenção (uniformemente) flutuante estruturam um princípio particular de cooperação conversacional bem como máximas diferenciadas que regem a fala analítica.

Palavras-chave: Técnica psicanalítica, associação livre, lógica conversacional.

ABSTRACT: Conversational logic and psychoanalytic technique. The study at hand aims to examine language as an essential and constitutive part of the Psychoanalytic Method technique, making use of the pragmatic frame of ordinary language philosophy. Having considered the theory on Logic and Conversation by H. P. Grice as its starting point, this study analyses the general traits of analytical speech, as Freud originally suggested, as compared to the general traits of ordinary conversation. It also demonstrates how free association, combined with (evenly) suspended attention, gives rise to a particular principle of conversational cooperation, as well as distinct precepts, which govern analytical speech.

Keywords: Psychoanalytic technique, free association and conversational logic.

Um leigo, ao escutar que a psicanálise ajuda um paciente que, a princípio, os médicos não puderam ajudar, pergunta: “O que faz efetivamente o analista ao tratar um caso de psicose?” Freud (1926) responde: “Nada acontece entre eles,

* Esse trabalho contou com o apoio do CNPq.

salvo que conversam entre si. O analista não faz uso de qualquer instrumento — nem mesmo para examinar o paciente — nem receita quaisquer remédios.” (FREUD, 1926a, p. 83)

Ao contrário da medicina, que utiliza prescrições medicamentosas e exames clínicos, a psicanálise receita palavras. O tratamento, em síntese, resume-se em uma conversa. O tratamento da alma gira em torno da troca conversacional, e mostra-se aos leigos, aparentemente, abstrato demais para promover mudanças concretas na vida de alguém. E segue Freud (1926) em sua conversa explicativa com a pessoa leiga:

“Assim é uma espécie de mágica’, comenta ela: ‘O senhor fala e dissipa seus males.’ Isto mesmo. Seria mágica se surtisse efeito um pouco mais rapidamente. Um atributo essencial de um mágico é a rapidez — poder-se-ia dizer a subitaneidade — do sucesso. Mas os tratamentos analíticos levam meses e mesmo anos: mágica tão lenta perde seu caráter miraculoso. E incidentalmente não desprezemos a palavra. Afinal de contas, ela é um instrumento poderoso; é o meio pelo qual transmitimos nossos sentimentos a outros, nosso método de influenciar outras pessoas. As palavras podem fazer um bem indizível e causar terríveis feridas. *Sem dúvida ‘no começo foi a ação’ e a palavra veio depois; em certas circunstâncias ela significou um progresso da civilização quando os atos foram amaciados em palavras.* Mas originalmente a palavra foi magia — um ato mágico; e conservou muito de seu antigo poder.” (FREUD, 1926a, p. 183)

Se ‘no começo foi a ação’ e a *palavra veio depois*, temos a junção dos dois na idéia lingüística dos atos de fala, nas palavras que fazem coisas. Lembremos de *Como fazer as coisas com as palavras (How to do things with words)*, de Austin (1962), e toda a idéia pragmática envolvida na fala. Neste sentido, as palavras podem *fazer* terríveis males e bens indizíveis. Elas constroem, destróem, transformam, revelam e servem de alternativa para a ação e, por conseguinte, atuam como instrumento civilizatório.

No percurso de transformação do médico Freud em analista, vê-se que o método também se transformou, ocorrendo uma apropriação da linguagem, na medida que envolve uma conversa diferente daquelas utilizadas nas consultas, entrevistas e conversas convencionais. Tanto que a introdução do paciente ao trabalho de associação livre é feita por Freud (1913) da seguinte maneira: *O que vai me dizer deve diferir, sob determinado aspecto, de uma conversa comum.* (FREUD, 1926a, p. 149)

Com os ensinamentos da Filosofia da Linguagem Ordinária, mais especificamente com Grice,¹ temos uma formulação lógica acerca dos processos conversa-

¹ Herbert Paul Grice, nasceu em 1913 e faleceu em 1988. Trabalhou cerca de 30 anos junto aos filósofos de Oxford e em 1967 mudou-se para Berkeley, na Califórnia. Suas contribuições foram marcantes nas discussões filosóficas acerca da linguagem, nos anos 1970. Enquanto

cionais entre os indivíduos, dos traços gerais que regem as conversas para que estas sejam efetivas. Esses traços lógicos servem-nos aqui como instrumento reflexivo sobre a técnica psicanalítica, posto que o presente trabalho tem como principal objetivo a comparação da linguagem cotidiana com aquela utilizada em análise.

LÓGICA E CONVERSAÇÃO

Para Grice, um princípio geral de cooperação, em conjunto com quatro categorias e suas respectivas máximas, expressam e asseguram a eficiência e efetividade do uso da linguagem em conversações cooperativas. Este Princípio de Cooperação é enunciado da seguinte maneira: “Faça sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado”². (GRICE, 1975/1982, p. 86)

Esse princípio específico, junto com as máximas, afirmam o que os participantes têm que fazer com o intuito de conversarem de um jeito o mais eficiente, racional e cooperativo possível. Ou seja, falar sincera, relevante e claramente, fornecendo informação suficiente (LEVINSON, 1983). Obviamente, os traços gerais elaborados nessas máximas, longe de existirem de modo concreto, são pressuposições lógicas acerca de como os falantes se comportam e como esperam que os outros se comportem durante a conversa. A seguir, temos o quadro com as categorias e suas respectivas máximas:

Quantidade (Quantity)	“Faça com que sua informação seja tão informativa quanto o requerido (para o propósito corrente da conversação)” “Não faça sua contribuição mais informativa do que é requerido.” ³
Qualidade (Quality)	“Trate de fazer uma contribuição que seja verdadeira.” “Não diga o que acredite ser falso.” “Não diga senão aquilo para o qual você possa fornecer evidência adequada.” ⁴
Relação (Relation)	“Seja relevante.” ⁵

filósofo da linguagem, desenvolveu um estudo pragmático contemporâneo abdicando tanto da formalização do tipo taxinômica como da não-formalização, para se ater fundamentalmente aos traços gerais que regem uma conversa.

² No original: *Make your conversational contribution such as required, at the stage at which it occurs, by the accepted purpose or direction of the talk exchange in which you are engaged* (p.45).

³ No original: 1. *Make your contribution as informative as is required (for the current purpose of the exchange)*; 2. *Do not make your contribution more informative than is required* (p.45).

⁴ No original: *Try to make your contribution one that is true*; 1. *Do not say what you believe to be false*; 2. *Do not say that for which you lack adequate evidence* (p.46).

⁵ No original: *Be relevant* (p.46).

Modo (<i>Manner</i>)	“Seja claro.”
	“Evite obscuridade de expressão.”
	“Evite ambigüidades.”
	“Seja breve (evite prolixidade desnecessária)”
	“Seja ordenado” ⁶

Essas máximas surgem da natureza racional que o homem utiliza ao conduzir uma conversa ou então ao participar de atividades que são cooperativas e, de certa forma, culturalmente ensinadas e incentivadas. Do ponto de vista da racionalidade, essas máximas se aplicam a toda atividade na qual a cooperação se faz necessária ou é esperada. Para Grice (1975/1982), os passos cooperativos têm como principal justificativa o costume social:

“...é que é um fato empírico bem conhecido que as pessoas se COMPORTAM dessa maneira; elas aprenderam a agir assim na infância e não abandonaram o hábito de assim o fazer; e, na verdade, uma ruptura radical com tal hábito exigiria um grande esforço. É muito mais fácil por exemplo falar verdade do que inventar mentiras.” (p. 89)

As máximas conversacionais de Grice, inspiradas nos imperativos categóricos kantianos, estabelecem muitas exigências de perfeição, estando longe de retratarem a realidade das trocas conversacionais de cada dia. Existe portanto um exagero e ao mesmo tempo um certo elogio ao consciencialismo e à racionalidade, nessa meta de clareza e eficiência. Levinson (1983) nos fala que uma conversação que segue estritamente essas máximas pode ser vista como o “paraíso do filósofo”, e Grice reconhece isso na criação do conceito de *implicatura*. Para o autor, o falante consegue significar algo a mais do que aquilo que disse de modo explícito, exato, através do abandono de alguma máxima, produzindo, com isso, de forma intencional, o sentido a mais, que ele denomina, então, *implicatura*.

Grice trabalha com a idéia de discurso consciente, da racionalidade inerente às tarefas cooperativas, e com a intenção consciente dos falantes. Desenvolve uma teoria da conversação baseada na racionalidade, mas que leva em consideração a intenção dos falantes na determinação do significado das sentenças. Esse aspecto pragmático, envolvido em sua teoria, da influência da intenção consciente daquele que fala na determinação de sentido, aponta-nos, na psicanálise, para a influência da pulsão, do desejo, na determinação de sentido daquilo que é dito.

Freud, por não ser filósofo e sim clínico, dá espaço para a expressão dos dese-

⁶ No original: *Be perspicuous*; 1. *Avoid obscurity of expression*; 2. *Avoid ambiguity*; 3. *Be brief (avoid unnecessary prolixity)*; 4. *Be orderly*.

jos e sentimentos de cunho inconsciente aos falantes. A psicanálise de Freud, contudo, constrói uma teoria do desejo mas não uma teoria da linguagem ou mais especificamente da conversação. O que Freud vem adicionar é que as palavras, ao contrário de serem apenas expressão da racionalidade humana, são também expressão de desejos, de desvarios, de paixões, de emoções, as mais variadas, carregando em si os sentimentos mais íntimos.

A crença de que as palavras dizem mais do que aparentam é encontrada tanto na visão de Freud quanto na visão de Grice. Para ambos, os falantes conseguem significar mais do que aquilo que dizem explicitamente. A diferença entre seus pontos de vista se encontra no fato de que para Grice essa intenção é sempre reconhecida e consciente por parte daquele que fala, enquanto que para Freud nem sempre é assim, as motivações podem ter outra fonte que não a consciência.

No caso do Homem dos Ratos, Freud (1909/1996) nos diz que seu paciente dirigia-se a ele repetidas vezes como 'Capitão', e afirma entender esse equívoco dentro da motivação inconsciente de seu paciente, já que este sabe, a princípio, que ele não é capitão (tanto que Freud chegou a dizer no início da sessão que não era como o capitão, que não gostava de crueldades). Esse exemplo mostra a linguagem dizendo algo a mais, na medida que revela — mesmo que de maneira indireta — a motivação inconsciente nesse lapso.

Nas conversas cotidianas, que servem de modelo para a elaboração lógica de Grice, existe o inconsciente dos falantes, e isso até ele mesmo poderia reconhecer. Porém, nesses casos, o inconsciente não é foco principal, sendo fundamental apenas a intenção consciente do falante. Freud, por sua vez, objetivando um tratamento anímico, acaba por estruturar um diálogo diferenciado, com uma lógica outra, visando primeiramente o acesso ao inconsciente, que aparece como um elemento novo em voga. Na clínica psicanalítica, o inconsciente é fator principal e a linguagem, muitas vezes, serve como o quadro onde o desejo se estampa. Cabe aqui ressaltar a asserção feliz de Freud (1905) sobre a multiplicidade de aspectos envolvidos nas palavras, e seu variado poder funcional na vida, tanto social quanto psíquica, dos sujeitos: *As palavras são um material plástico, que se presta a todo tipo de coisas.* (FREUD, 1905, p. 41)

Veremos, então, que contribuições podem ser obtidas a partir de uma reflexão sobre a lógica conversacional da técnica do método⁷ psicanalítico, pensando em seus traços discursivos e suas possíveis modificações. Vejamos a que as palavras se prestam em análise.

⁷ Em algumas passagens, como por exemplo em "Um estudo autobiográfico" (1925[1924]/1996, p. 45), Freud utiliza o termo composto *técnica do método*, o que nos mostra existir uma parte do seu método investigativo que pode ser considerada, de fato, estritamente técnica. Essa parte técnica é entendida aqui como a regra fundamental, *setting*, com uso de divã e manejo da transferência e resistência.

O PRINCÍPIO CONVERSACIONAL DE FREUD

É comum as pessoas organizarem o espaço de acordo com a produção interlocutiva que pretendem. Logo, a organização espacial de um ambiente diz, de certa forma, o que ali será feito e qual a relação entre os personagens que freqüentam aquele espaço. O ambiente de consultório psicanalítico, por sua vez, tem uma organização do espaço que demarca a relação que ali ocorrerá. Essa configuração espacial do *setting* analítico apresenta uma disposição diferenciada daquela apresentada em uma conversa tradicional, sinalizando um novo modo de trabalho de fala.

Esse ambiente, que procura propiciar o relaxamento e também a fala, costuma ter pouca luz, ser aconchegante, personalizado, silencioso, e, principalmente, contar com a presença de um divã, além de uma poltrona posicionada atrás de sua cabeceira. Como nos mostrou Freud (1913), o divã faz parte de um certo cerimonial que compõe o fazer clínico da psicanálise. Forma-se, a partir desses aspectos, a atmosfera de base, que alimenta de um sabor terapêutico o consultório.

É usual, nos atendimentos psicanalíticos, serem feitas entrevistas iniciais, com o padrão de entrevistas psicológicas comuns, em que os interlocutores se encontram frente a frente, como em uma conversa. Ao aceitar o paciente para a análise e ao verificar uma neurose de transferência estabelecida, o analista faz o ato de entrada do paciente em análise, num ritual de passagem ao divã, sendo esta a marca simbólica do início do trabalho proposto, implicando um comprometimento com a regra fundamental.

A passagem ao divã, por significar a introdução ao paciente da regra fundamental, tem como conseqüência todos os aspectos que esta regra envolve: ficar deitado, dizer tudo que vem à mente, passar da ação às palavras. Estar cooperativo ao que o trabalho propõe implica em uma entrega à regra que dita, especificamente, como o sujeito deve se comportar ao falar. Significa, de modo geral, obedecer à regra fundamental da associação livre, a todo custo.

Temos, portanto, em análise, de um lado um interlocutor em posição corporal deitada, fazendo uma produção lingüística em livre associação e, do outro, um interlocutor posicionado fora de seu campo de visão, fazendo, por sua vez, uma escuta uniformemente flutuante, que, para Freud (1912), *consiste simplesmente em não dirigir o reparo para algo específico e em manter a mesma 'atenção uniformemente suspensa' (...) em face de tudo o que se escuta.* (FREUD, 1912, p. 125)

A regra fundamental, associada à organização espacial, são os componentes constituintes, sustentadores e incentivadores desse modo de produção de fala diferenciado, proposto pela associação livre. Freud (1913), ao introduzi-la e ao explicá-la, de antemão, diferencia cuidadosamente o que é feito com as palavras em psicanálise daquilo que é feito nas conversas comuns:

“O que vai me dizer deve diferir, *sob determinado aspecto*, de uma conversa comum. Em geral você procura, corretamente, manter um fio de ligação ao longo de suas observações e exclui quaisquer idéias intrusivas que possam lhe ocorrer, bem como quaisquer temas laterais, de maneira a não divagar demais do assunto. Nesse caso você deve proceder de modo diferente. Observará que à medida que conta coisas, ocorrer-lhe-ão diversos pensamentos que gostaria de pôr de lado, por causa de certas críticas e objeções. Ficará tentado a dizer a si mesmo que isto ou aquilo é irrelevante aqui, ou inteiramente sem importância, ou absurdo, de maneira que não há necessidade de dizê-lo. Você nunca deve ceder a estas críticas, mas dizê-lo apesar delas — na verdade, deve dizê-lo exatamente porque sente aversão a fazê-lo. Posteriormente você descobrirá e aprenderá a compreender a razão para esta exortação, que é realmente a única que tem que seguir. Assim diga tudo que lhe passa pela mente. ...Finalmente, jamais esqueça que prometeu ser absolutamente honesto e nunca deixar nada de fora porque, por uma razão ou outra, é desagradável dizê-lo. (FREUD, 1914, p. 149-150) (grifos nossos)

Na introdução da regra fundamental, Freud mostra que a produção de fala deverá ser diferente, em determinado aspecto, daquela feita numa conversa comum. Esse aspecto está ligado à exigência de que a produção tenha seqüência, porém uma seqüência ditada pelos pensamentos, e que, portanto, não podem ser excluídas quaisquer idéias intrusas que ocorram ao pensamento, devendo estas serem comunicadas sob qualquer esforço, independente do que seja. Como a seqüência da comunicação segue a fluidez do próprio pensamento, que vai surgindo de forma espontânea, a exigência de clareza, coerência, concisão, modo e relevância, existentes nas conversas cotidianas, segundo a visão griceana, dão lugar à exigência de verbalização de pensamentos e idéias espontâneas e estranhas ao assunto. O filtro que normalmente é usado nas conversas, para que aquilo que é dito possa se adequar ao assunto, deve ser então retirado na associação livre.

A regra de associação livre, para o paciente, e sua contrapartida para o analista, da escuta uniformemente flutuante, delimitam e esclarecem a essência desse trabalho, ao dizer exatamente o que é específico no diálogo clínico psicanalítico. “Verse-á que a regra de *prestar igual reparo a tudo* constitui a contrapartida necessária da exigência feita ao paciente, de que *comunique tudo o que lhe ocorre, sem crítica ou seleção*”. (FREUD, 1912, p. 126) (grifos nossos)

Se a regra fundamental estabelece como o falante deve se comportar no decorrer daquela interlocução específica, e se a atenção flutuante dita como o ouvinte deve se comportar, logo, temos aqui o princípio de cooperação conversacional em psicanálise. A regra da associação livre, em conjunto com a atenção flutuante, preservam a essência do princípio conversacional griceano, assegurando que a contribuição seja feita dentro do propósito específico da conversação em que a pessoa

está engajada. Porém, o propósito específico, em análise, é a auto-observação tranqüila por um lado e a exigência de tudo dizer, por outro. Isto implica em uma exigência contrária àquela das conversas comuns. Ser cooperativo, em análise, é esforçar-se para não deixar de falar. Na conversa comum, é falar somente o que interessa para o assunto corrente.

Isso significa dizer que a conversação específica da análise mantém, como pano de fundo, o princípio de cooperação de Grice, mas, devido ao seu propósito e direção muito específicos, sobrepõe um princípio cooperacional próprio que dita o que é requerido no trabalho de análise. Esse princípio específico, baseado no propósito do tratamento, que é, *grosso modo*, acessar o inconsciente, tem como definidoras as características do sistema inconsciente: não contradição, intemporalidade, condensação e deslocamento.

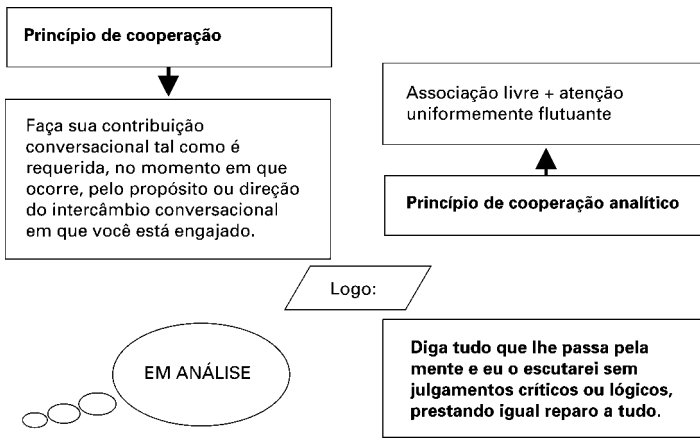
Tomemos os lapsos como um exemplo comparativo. O conhecido esquecimento de Freud (1901) do nome *Signorelli* e a insistente substituição em sua lembrança pelos nomes *Botticelli* e *Boltraffio*, dentro de uma conversa comum é tomada como um simples equívoco sem importância, que deve ser, a princípio, desculpado e corrigido, na medida que a memória tornar possível. Numa leitura psicanalítica, esse esquecimento não é algo casual e sem importância. O entendimento não é tão simples assim, existindo motivos outros. No exemplo citado, temos o recalcado de uma idéia envolvido no motivo do esquecimento.

“Já não me é possível considerar o esquecimento do nome *Signorelli* como um evento casual. Sou forçado a reconhecer a influência de um *motivo* nesse processo. Foi um motivo que fez com que eu me interrompesse na comunicação de meus pensamentos (a respeito dos costumes dos turcos etc.), e foi um motivo que, além disso, influenciou-me a impedir que se conscientizassem em mim os pensamentos ligados a eles, que tinham levado à notícia recebida em Trafoi. Eu queria, portanto, esquecer algo; havia recalcado algo.” (FREUD, 1901b, p. 21)

Esses equívocos, portanto, denunciam algo que foi recalcado, sendo o lapso um dado importante na compreensão dos desejos mais secretos. Eles surgem a partir de algo que queremos afastar, filtrar por exigência da consciência, mas que acabam por escapular, ao se rerepresentarem insistentemente, a qualquer custo. Ele é o equívoco, o que não deveria estar ali, mas que, para o entendimento da psicanálise, revela ter uma motivação inconsciente e, por isso, é importante ser considerado.

O princípio cooperacional sobreposto pela análise, baseado em seu propósito clínico, consiste nessa junção de Associação Livre e Atenção Uniformemente Suspensa. Ele diferencia a fala analítica de uma conversa cotidiana, bem como de uma sucessão de frases desconectadas (desconexas?), configurando a parte cooperativa específica e peculiar do trabalho.

PRINCÍPIO DE COOPERAÇÃO DA TÉCNICA PSICANALÍTICA



A psicanálise, ao mesmo tempo que constrói um princípio particular de produção de fala, tem como pano de fundo os traços gerais tradicionais do discurso, que afastam a possibilidade de uma fala com fuga de idéias, uma fala totalmente sem lógica.

AS MÁXIMAS CONVERSACIONAIS APROVADAS E VIOLADAS NA PSICANÁLISE

A técnica do método psicanalítico, com sua regra fundamental acaba por ditar um outro princípio conversacional específico, que é extraído do princípio de cooperação conversacional griceano e que configura por sua vez a produção de fala cooperativa em análise. As máximas que acompanham o princípio de cooperação conversacional são entendidas por Grice como detalhamentos de traços do discurso. Em conjunto, resultam numa essência asseguradora da manutenção do princípio cooperacional. Logo, se o princípio cooperacional se transforma, assim também acontece com as máximas asseguradoras desse princípio. As máximas conversacionais que acompanham o princípio de cooperação de Grice acabam mostrando-se inadequadas na psicanálise devido à aderência do novo princípio cooperacional do trabalho analítico.

Partindo dos conceitos clínicos de Freud, máximas mantenedoras da associação livre podem ser estabelecidas seguindo a lógica do que é feito em análise. O tratamento é sustentado pela teoria do aparelho psíquico de Freud e seus fenômenos constituintes. As máximas se baseiam nas características do sistema inconsciente, suas formações e nos fenômenos da resistência e transferência.

O papel crucial da resistência no processo de análise, por se configurar como força contrária ao tratamento e, por conseguinte, força que impulsiona os pacientes

a permanecerem nas máximas tradicionais do discurso, precisa ser considerado na reflexão sobre quais seriam as máximas em psicanálise. A resistência dos pacientes em verbalizarem tudo o que lhes ocorre à mente, costuma ser justificada, massivamente, com argumentos baseados nos princípios tradicionais e rebatidas pelos analistas com argumentos baseados na regra fundamental.

As máximas conversacionais são sistematizações lógicas desenvolvidas por Grice e não são expressas ou ditadas de maneira explícita aos participantes de uma conversação, exatamente por existirem como pressupostos lógicos de cooperação. Em análise, devido ao esforço exigido para manter-se dentro do princípio da regra fundamental, e tendo em vista a existência de forças opostas, faz-se uso de argumentos que tragam o paciente de volta ao trabalho analítico. Portanto, podemos considerar que, diferentemente da regra fundamental, que é sempre introduzida, as máximas do trabalho analítico não são, a princípio, verbalizadas, a não ser quando se faz necessário.

Quando o princípio cooperacional não é obedecido acredita-se que o paciente não pode, por força maior da resistência, tudo verbalizar. Como providência, mostra-se a ele, através de argumentos esclarecedores, como proceder. Esses argumentos nos servem, então, como máximas conversacionais, assegurando que o princípio cooperacional da análise, ou seja, a regra fundamental, seja obedecida. Uma forma banal disso ocorrer é o paciente iniciar uma sessão em silêncio e em seguida dizer: *hoje eu não tenho nada de importante a falar*. A regra fundamental não exige que seja dito algo importante. Tal exigência se adequa mais aos traços gerais da conversação, ditados pela máxima *relevância*. O importante é que o paciente diga tudo que lhe ocorra à mente, independente se parece importante ou não.

As máximas conversacionais propostas por Grice — que exigem, basicamente, clareza, ordem, veracidade, concisão — como traços fundamentais do discurso, se aplicadas ao trabalho psicanalítico, acabam por impedir o objetivo proposto pelo trabalho, já que o Inconsciente, contrariando esses traços, tem como característica ser intemporal, não conter contradição, funcionar sob mecanismos como a condensação e deslocamento, e ter uma realidade própria. As máximas analíticas servem de suporte à associação livre e caracterizam o trabalho, garantindo um meio de alcance a conteúdos inconscientes. A resistência e transferência também são fenômenos cruciais em análise. Por esta razão serão refletidas suas implicações e modos de aparecimento em relação a cada uma das máximas.

A QUESTÃO DA QUANTIDADE

As máximas referentes à categoria quantidade, nas conversas cotidianas, asseguram que o falante seja pontual e que não forneça uma quantidade maior de informações do que o necessário para aquela conversa. Lembrando, essa categoria está sob as duas máximas: *Faça com que sua contribuição seja tão informativa quanto requerido* (para

o propósito corrente da conversação) e Não faça sua contribuição mais informativa do que é requerido (GRICE, 1975, p. 87). Por conseguinte, pode ser traduzida em nem tanto ao céu, nem tanto à terra, ou seja, faça sua contribuição na medida certa.

Uma reflexão sobre a categoria quantidade, em análise, inicia-se pelo questionamento sobre o que é ser pontual. Em uma conversa em que temos um tema definido e claro, não parece difícil pensar em ser pontual. Porém, tratando-se de questões do inconsciente a coisa muda um pouco de figura. As características do funcionamento lógico inconsciente — ausência de contradição, intemporalidade, processo primário de funcionamento — por si só já impedem que seja aplicado o mesmo parâmetro utilizado para a fala comum. Não podemos ser pontuais sobre algo que nos é, a princípio, obscuro e confuso.

A quantidade do que é dito acaba por variar de acordo com a atuação das resistências. A resistência pode resultar em silêncios longos, o que aparentemente pode ser uma quebra na máxima quantidade. Porém, o silêncio em análise pode dizer muito ao denunciar a aproximação de conteúdos ligados à etiologia da doença ou ao chamado núcleo do recalque. Freud logo percebeu uma tendência dos pacientes em permanecerem calados logo após aproximarem-se de algum conteúdo significativo. Portanto, o silêncio pode ser indicador de resistência, e esta, por sua vez, indicadora de conteúdos significativos. Não apenas isso, a *elaboração silenciosa é o trabalho que o analisando realiza durante as sessões, às vezes no tempo que medeia as sessões, que visa à superação do traumatismo, provocando, assim, mudanças qualitativas na sua produção livre-associativa, no seu estilo de vida, na sua forma de agir e, principalmente, em sua capacidade de pensamento.* (BERLINCK, 2000, p. 263)

Vemos com isso que qualidade e quantidade se entrecruzam, às vezes uma dependendo da outra, na medida que o processo acontece. O tratamento consiste em um processo, implicando em mudanças constantes que relativizam, ainda mais, os imperativos categóricos das máximas. A quantidade ideal de fala dependerá sempre do momento específico em que se encontra o trabalho, mostrando que, às vezes, uma palavra diz muito mais do que várias, e que essas questões que nos remetem à máxima *Quantidade*, dependem sempre de um contexto e um co-texto psíquico, estabelecido pelo trabalho de análise.

Como vimos antes, a resistência é sutil e se utiliza de formas variadas para atuar contra o trabalho, aparecendo não somente nos bloqueios momentâneos, como também nas falas excessivas e esvaziadas de afeto. Estas são resistências contra o propósito cooperacional daquela produção, que implica na alteração da quantidade da fala produzida. Não é problema, na análise, falar bastante. É isso mesmo que se quer, desde que esse aumento da quantidade não se dê em conjunto com o esvaziamento afetivo da fala ou dentro de um distanciamento do objetivo do trabalho.

O texto *Recordar, repetir e perlaborar* (FREUD, 1914, p. 163-174), nesse ponto de reflexão sobre a resistência, pode ser esclarecedor. O trabalho de análise é o de

descortinar resistências para poder, então, alcançar conteúdos inconscientes a serem interpretados e elaborados. É preciso tempo e possibilidade de repetição para que o paciente se familiarize com suas resistências e, conseqüentemente, com aquilo que recalçou. Por isso, é mais do que compreensível que o paciente, falando daquilo que não conhece, acabe por dar voltas imensas em torno do ponto central de sua questão, e que repita os mesmos conteúdos, ou queixe-se demasiadamente dos outros (num movimento projetivo), ou até mesmo faça teorizações. A questão é que, em análise, parte-se do pressuposto de que sempre existirá resistência, que sempre haverá interferência desta na associação livre do paciente. Se ela é inevitável, deve-se considerá-la, de antemão, adequando o trabalho ao seu manejo. Por isso para Freud (1914):

“Deve-se dar ao paciente tempo para conhecer melhor esta resistência com a qual acabou de se familiarizar, para elaborá-la, para superá-la, pela continuação, em desafio a ela, do trabalho analítico segundo a regra fundamental da análise.” (FREUD, 1914, p. 170)

Assim, como que pelo avesso, a própria transferência enquanto detrimento da fala em substituição pelo ato, é contribuição informativa, ao passo que é entendida como fala através dos atos. Dentro de uma lógica muito específica, em análise fala-se mesmo estando calado, fala-se em ato, fala-se algo falando em demasia.

Muitas justificativas racionais, que são entendidas como resistências, se apóiam justamente na máxima da quantidade. O paciente deixa de falar o que lhe ocorre por já ter dito, por achar que é falar demais, ou então por considerar que aquilo não diz respeito ao propósito analítico. Assim, de julgamento em julgamento, a resistência vai fazendo seu papel, contrariando a proposta da análise. São esses fenômenos que impedem que a categoria quantidade seja vista sob as mesmas máximas, da conversa comum, precisando haver uma adequação à exigência da regra fundamental. Com isso, as máximas referentes à questão da quantidade, em análise, podem ser postas da seguinte maneira:

Quantidade	Conversaão	Fala em análise
	“Faça com que sua informação seja tão informativa quanto o requerido (para o propósito corrente da conversaão).”	Faça com que sua contribuição seja tão informativa quanto requerido para o propósito desse trabalho terapêutico.
	“Não faça sua contribuição mais informativa do que é requerido.”	Fale o que sabe sobre você, o que acontece em seus pensamentos.
		Faça sua contribuição, independente se vá parecer mais informativa que o requerido normalmente.

A QUESTÃO DA QUALIDADE

“O inconsciente é esse capítulo da minha história que é marcado por um branco ou ocupado por uma mentira: é o capítulo censurado. Mas a verdade pode ser reencontrada; o mais das vezes ela já está escrita em algum lugar.” (LACAN, 1996/1998, p. 260)

A categoria *qualidade* (*quality*), de Grice, que objetiva, através de uma super máxima, que a contribuição seja verdadeira, quando pensada dentro de um espaço analítico, precisa ser encarada por outros caminhos. Essa categoria, que visa informações passíveis de garantias e que sejam de fato verdadeiras, tem como sub máximas: *Não diga o que acredite ser falso* e *Não diga senão aquilo para que você possa fornecer evidência adequada*. (GRICE, 1975/1982, p. 87)

A vida da histórica é uma perpétua mentira (FORRESTER, 1997, p. 68). Essa afirmação diz sobre algo muito característico das neuroses, de uma primazia da fantasia perante a realidade, resultando na construção de um mundo paralelo e particular. Nesse mundo fantasioso os neuróticos se refugiam, e, por este motivo, costumam dizer que os neuróticos constroem castelos no céu. *O que caracteriza os neuróticos é preferirem a realidade psíquica à concreta, reagindo tão seriamente a pensamentos como as pessoas normais às realidades*. (FREUD, 1913 [1912-13], p. 160)

Como é possível ficar convencido da realidade dessas confissões analíticas, que alegam ser lembranças guardadas da mais tenra infância? E como precaver-se contra a tendência a mentir e a facilidade de invenção atribuídas aos sujeitos históricos? (FREUD, 1896, p. 151). Essas são questões que Freud formulava, ao lidar com a fala de seus pacientes neuróticos. Nessa mistura entre fantasia e realidade, nessa penetração da realidade psíquica, nesse mundo inconsciente intemporal, alógico, não contraditório, o analista é profissionalmente desinteressado na diferença entre verdades e mentiras, e sua atitude baseia-se nesse lugar altamente idiossincrático da realidade em psicanálise. (FORRESTER, 1997, p. 70)

Vejamos a própria regra fundamental. Ela exclui qualquer critério específico que demande uma fala pertinente, ou representativa da realidade efetiva e material, ou que fale apenas do seu sofrimento, ou que seja coerente em seus tópicos. Ela não exige nada sobre esse aspecto, apenas exige, e é de fato uma exigência, que seja dito tudo, qualquer coisa que ocorra à mente, independente do que seja ou que possa parecer ser, mentira, verdade, invenção, intuição, lembrança.

Apesar dessa liberação que se encontra implícita na regra fundamental, de não ser necessário dizer apenas a verdade, os pacientes estão sempre recaído numa fala comum. A resistência faz com que a todo momento ocorra um impulso em retornar ao modo tradicional de conversação, e que os pacientes acabem tentando persuadir os analistas de que estão certos, de que aquilo é verdade, explicando-se. Na verdade, escondendo desejos atrás de confirmações de verdades.

A resistência é tudo que impede o trabalho. Resistir, portanto, consiste em não se manter cooperativamente em análise, negando-se ao propósito da regra funda-

mental, permanecendo num modo de produção lingüística mais característica da conversa ordinária. Todas as formas de resistência que implicam na não-manutenção da regra fundamental acabam por acarretar uma retomada da forma tradicional de conversação. A fala intelectualizada é o exemplo mais cabal do seguimento dos traços tradicionais da conversação em análise. O paciente faz teorias, buscando ser claro, pertinente, verdadeiro, sucinto, porém não está sendo cooperativo com o propósito da troca conversacional a que se propôs naquele momento. Portanto, a máxima da qualidade, elaborada por Grice, pode ser interpretada em análise como resistência ao trabalho e por isso precisa ser pontuada ao analisando.

Entrando ainda mais no campo das resistências, cabe aqui evocar o conceito de fala vazia, de Lacan, que clareia o que é considerado como uma fala de qualidade em psicanálise. A fala vazia é aquela *onde o sujeito parece falar em vão de alguém que, mesmo ao se lhe assemelhar a ponto de se enganar, jamais se anexará à assunção de desejo* (LACAN, 1966/1998, p. 118). Por ser estancada de seus conteúdos afetivos, é portanto uma fala alienante, que se baseia no falatório repetitivo e distanciador daquilo que o ser é em si mesmo. Num sentido heideggeriano (1984), a plenitude da linguagem está no fato de ser reveladora da essência do ser. Logo, essa vinculação entre o afeto e aquilo que é dito, que resulta em uma fala reveladora daquilo que é a essência do desejo, é indicadora de qualidade em análise.

Muitas vezes temos necessidade de, ao mesmo tempo, dizer certas coisas e de poder fazer como se não as tivéssemos dito; de dizê-las, mas de tal forma que possamos recusar a responsabilidade de tê-las dito (DUCROT, 1972, p. 13). Num sentido psicanalítico, essa necessidade se amplia ao inconsciente, resultando em forma freqüente e muito curiosa de defesa, denominada (de)negação, ou seja, o processo pelo qual o sujeito, embora formulando um dos seus desejos, pensamentos ou sentimentos, até então recalcado, continua a defender-se dele negando que lhe pertença (LAPLANCHE E PONTALIS, 1987/1992, p. 293). O processo de afastamento do desejo, pelo recalque, acaba por se estender até a fala do paciente, sobretudo quando esta fala é sobre ele mesmo ou de como se relaciona com as coisas que o cercam no mundo. A (de)negação serve como exemplo fundamental para o entendimento do inconsciente, por mostrar sua relação com o desconhecido, de um real só apreensível a *posteriori* (MARTINS & FREITAS, 1995, p. 466). Como então exigir a verdade de algo que não se sabe, de algo desconhecido e obscuro, e que a fala analítica visa, de algum modo, conseguir ainda alcançar. Portanto, em análise, um não pode significar sim, ao passo que a verdade pode emergir através de uma negação, ou daquilo que se evita, daquilo que não se diz. A pessoa diz a verdade, seu desejo, através de negações. Logo, para Freud (1925), *negar algo em um julgamento é, no fundo, dizer: 'Isto é algo que eu preferia reprimir.' Um juízo negativo é o substituto intelectual da repressão; ou seu 'não' é a marca distintiva da repressão...* (FREUD, 1925, p. 266)

A distinção entre realidade psíquica e realidade efetiva material, da teoria psi-

canalítica, e a forte influência dos pensamentos fantasiosos nos neuróticos, de antemão, relativizam a qualidade da fala em análise. A veracidade do que é dito não pode ser sustentada já que se parte do pressuposto de que existe uma realidade interna, ditando verdades que não precisam necessariamente ser comprovadas na realidade concreta. Em psicanálise, a realidade discursiva é verdadeira, independentemente de ela ser ditada pela fantasia, pela realidade psíquica ou pela realidade material. O que importa é que, para o sujeito, internamente, aquela verdade opera. O próprio sintoma, pelo qual muitas vezes inicia-se a análise, é entendido como uma farsa, pois revela-se como um gozo mascarado, um substituto do prazer. Entretanto, é preciso começar por algo, mesmo que seja a mentira, para que ao longo do processo possa ser reencontrada uma verdade perdida.

Dentro do propósito terapêutico pressupõe-se a existência de uma realidade psíquica, que diz respeito a verdades internas atuando no sujeito, muitas vezes contraditórias com a realidade efetiva e, por isso, impossíveis de serem provadas. Alguns conteúdos estranhos são muitas vezes evitados pelo sujeito. Uma contribuição verdadeira, tratando-se de análise, baseia-se massivamente em fantasias cultivadas em silêncio, que suportam uma crença determinante da forma de entendimento dos fatos que se configuram, obviamente, desviantes da realidade efetiva material. Essa é a verdade que precisa ser apresentada num tratamento psicanalítico. Podemos, então, parafrasear as máximas da categoria qualidade, baseada nos conceitos da realidade psíquica, na primazia das fantasias e na exigência de plenitude:

	Conversaço	Fala em análise
Qualidade	<p>“Trate de fazer uma contribuição que seja verdadeira.”</p> <p>“Não diga o que acredite ser falso.”</p> <p>“Não diga senão aquilo para o qual você possa fornecer evidência adequada.”</p>	<p>Não deixe de dizer o que lhe ocorre mesmo que lhe pareça falso ou mesmo que seja para os outros.</p> <p>Não deixe de dizer o que você acredita, ou o que lhe ocorre, por não ter evidência disso.</p>

A QUESTÃO DA RELAÇÃO

A categoria *relação* (*relation*) diz respeito à relevância da contribuição, para o propósito daquela conversa. Segundo Grice, essa categoria se mostra resumida em apenas uma máxima, já que se pode reconhecer a variedade de pontos relevantes, possíveis em uma conversa. Em psicanálise, a relevância do que irá ser dito não cumpre os padrões normais. Impera a regra da associação livre.

Adotando a idéia do trabalho analítico como uma investigação, tudo o que diz respeito a como o paciente se comporta, como ama, como obtém prazer, tudo isso

é relevante, não importa se apareça através de sua fala em associação livre, se em ato transferencial, através da negação ou pelos sonhos. O que é relevante em análise? Ser relevante significa estar engajado no trabalho, obedecendo à exigência de tudo comunicar. É falar o que sabe de si mesmo, não deixar a vergonha vencer a fala, e, ao mesmo tempo, afrouxar o controle consciente da fala e esforçar-se para manter-se atento. A relevância, em análise, está totalmente ligada à idéia de se manter firme na regra de associação livre e sobretudo estar atento à carga de afeto ligada à fala.

Em análise, existe a previsão de um encadeamento, específico, diferente daquele comumente utilizado. Ao invés de basear-se em escolhas conscientes, parte-se de irrupções no pensamento, que parecem, num primeiro momento, não fazer sentido algum. Para que isso ocorra, é preciso um certo esforço e disciplina do analisando para que não seja levado pelas tendências tradicionais do discurso, de selecionar o que irá falar. As máximas ficam sendo:

	Conversação	Fala em análise
Relação	“Seja relevante”	Fale tudo, mesmo que não pareça relevante. Seja o mais particular possível. Não desvie do princípio da associação livre.

A QUESTÃO DO MODO

A categoria *modo* (*manner*) deve, para Grice, preocupar-se, sobretudo, não com o que é dito, mas com o modo, ou melhor, a maneira como aquilo é dito. Visa-se a ausência de obscuridade e, conseqüentemente, clareza, ordem e concisão. Pensemos então nos *acting out*, nos sintomas, nos sonhos, todos eles como modos outros de fala, porém, todos como formas incompatíveis com as máximas tradicionais.

No campo psicanalítico, além da forma verbal comum, temos através da transferência enquanto resistência, uma forma alternativa de falar através de atos. Isso significa que, ao invés de associar livremente, o paciente, envolvido por sua resistência, passa a fazer coisas, o que é denominado *acting out*:

“podemos dizer que o paciente não *recorda* coisa alguma do que esqueceu e reprimiu, mas expressa-o pela atuação ou atua-o (*acts it out*) [Sic]. Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; *repete-o*, sem, naturalmente, saber que o está repetindo. (FREUD, 1914, p. 165)

Essa repetição, que aparece no lugar das lembranças, deve ser considerada como conteúdo analítico, da mesma forma que as lembranças relatadas em associação livre. O importante, para entender esse modo específico de fala, através de repetições em ato, é ater-se à essência do comportamento, no que especificamente diz

através do ato. Alguns exemplos de Freud (1914) podem ser ilustrativos para o entendimento desse modo peculiar na análise:

“Por exemplo, o paciente não diz que recorda que costumava ser desafiador e crítico em relação à autoridade dos pais; em vez disso, comporta-se dessa maneira para com o médico. Não se recorda de como chegou a um impotente e desesperado impasse em suas pesquisas sexuais infantis; mas produz uma massa de sonhos e associações confusas, queixa-se de que não consegue ter sucesso em nada e assevera estar fadado a nunca levar a cabo o que empreende. Não se recorda de ter-se envergonhado intensamente de certas atividades sexuais e de ter tido medo de elas serem descobertas; mas demonstra achar-se envergonhado do tratamento que agora empreendeu e tenta escondê-lo de todos. E assim por diante.” (FREUD, 1914, p. 165-166)

Os sonhos, enquanto formação do inconsciente, carregam em si o padrão característico das produções desse sistema. Portanto, em meio a condensações variadas, deslocamentos, não-contradições, mostra-se pouco fácil ser claro, não ser confuso ou obscuro. Por exemplo, *quanto mais obscuro e confuso parece um sonho, maior a parcela atribuível ao fator do deslocamento em sua formação* (FREUD, 1901a, p. 674). Existe todo um trabalho onírico próprio que torna obscura, tanto sua recordação quanto sua compreensão, e, por isso, na maioria das vezes, surge a sensação de estranhamento ou de confusão por parte do analisando ao relatar o sonho. Porém, cabe aqui ressaltar que todas essas formas obscuras, prolixas e pouco claras fazem parte do que consideramos o trabalho analítico, já que podemos tomar os sonhos como exemplo do padrão do funcionamento inconsciente.

Dentro da perspectiva psicanalítica, o conflito é constitutivo do indivíduo, que possui, internamente, exigências opostas, advindas de instâncias e pulsões, como também do meio. O melhor exemplo é a entrada da lei através do Complexo de Édipo. A ambigüidade, fruto de conflitos inconscientes, passa a ser ponto central de alguns sintomas neuróticos. O caso do pequeno Hans gira em torno de uma ambigüidade afetiva, que acaba por desencadear um sintoma fóbico:

“Aqui, então, temos um conflito devido à ambivalência: um amor bem fundamentado e um ódio não menos justificável dirigidos para a mesmíssima pessoa. A fobia de ‘Little Hans’ deve ter sido uma tentativa de solucionar esse conflito. Conflitos dessa natureza devidos à ambivalência são muito freqüentes e podem ter outro resultado típico, no qual um dos dois sentimentos conflitantes (em geral o da afeição) se torna imensamente intensificado e o outro desaparece.” (FREUD, 1926a, p. 104)

Podemos, assim, fechar a questão do modo em análise, refletindo que não se pode exigir o máximo de clareza de uma fala que diz respeito a partes obscuras do

psiquismo, que se refere a afetos muitas vezes mantidos afastados pelo recalque, que diz respeito a conteúdos primários que aparecem de forma confusa e precisam ser elaborados passo a passo na linguagem. A princípio, a categoria *modo*, que se preocupa com a forma do discurso, visando clareza e não ambigüidades, consiste exatamente em seu oposto quando relacionada ao que é feito num consultório psicanalítico. Não se trata de uma exaltação às ambigüidades, mas sim, da crença de que através de verbalização estas possam ir sendo interpretadas, tomando sentido e, por conseqüência, sendo clarificadas.

Configuram-se, então, as seguintes máximas:

	Conversaço	Fala em análise
Modo	<p>“Seja claro.”</p> <p>“Evite obscuridade de expresso.”</p> <p>“Evite ambigüidades.”</p> <p>“Seja breve (evite prolixidade desnecessária).”</p> <p>“Seja ordenado.”</p>	<p>Não se preocupe se o que está dizendo parece obscuro.</p> <p>Faça sua fala em seu tempo e como conseguir falar, mesmo que pareça prolixo.</p> <p>Não se atenha a ser ordenado, deixe que seu pensamento o conduza.</p>

Como podemos perceber, as máximas utilizadas normalmente numa conversaço, precisam, até certo ponto, ser desconsideradas na associaço livre, dando espaço para uma série do que podemos chamar “argumentos” psicanalíticos, que visam manter o paciente dentro da regra fundamental. A dificuldade de manter-se em associaço livre, nessa “diferente conversa”, está na resistência e também na dificuldade de abandonar um padrão conversacional com o qual estamos acostumados desde a pequena infância, desejado e esperado constantemente nas relações sociais.

Assim, se uma troca lingüística feita nos moldes griceanos é considerada o paraíso do filósofo, pode ser o inferno para os psicanalistas. Na clínica psicanalítica, essas exigências amputam, aparam, peneiram inúmeros materiais importantes, informações substanciais acerca da vida psíquica daquele que sofre. Contudo, podemos perceber que, tendo a resistência como ponto de partida, as próprias máximas griceanas se configuram como tal, opondo-se à exigência da regra analítica. Deste modo, as máximas parafraseadas aparecem como agentes amenizadores do rigor, podendo ser comparadas a quebras preestabelecidas nas máximas tradicionais, contidas implicitamente na regra da associaço livre. Perante essa exigência racionalizadora, a ampliação de sentido é algo muito desejado em análise. Ao examinarmos as máximas pressupostas para a manutenção da associaço livre, percebemos que existe algo como uma quebra, permitindo uma implicatura inconsciente, que não pretendemos equiparar à implicatura tradicional. Faz-se necessá-

ria essa quebra, que remete diretamente à possibilidade de ampliação do sentido, assim como as implicaturas são sinônimo de sentidos a mais.

Mesmo sabendo que as palavras não são suficientes, as implicaturas possibilitam uma riqueza muito maior de significados do que aqueles encarcerados nos sentidos tradicionais do uso das palavras. Assim, quanto mais quebra de máxima melhor. Daí porque na própria regra embute-se a exigência de fazer tudo, ao contrário do que se deseja normalmente e sempre atento ao detalhe, de que as regras sejam aderidas num nível muito mais profundo. No fundo, sempre permanecem os traços do discurso tradicional, que, devido ao costume, não são fáceis de ser totalmente abolidos. O paciente nos dois pólos da associação livre — auto-observação tranqüila e exigência de tudo verbalizar — deve fazer um esforço de proceder nesses novos traços conversacionais. Acredita-se que os traços griceanos estão sempre delimitando, para que a associação livre não se configure em fuga de idéias, mas sim numa possibilidade de exprimir pequenas loucuras, tão podadas normalmente na linguagem cotidiana. O trabalho de análise acaba por exercitar esse novo tipo de modalidade de diálogo, do analisando com ele mesmo, com suas tendências internas, oferecendo maior possibilidade de percepção dos sentidos a mais advindos do inconsciente.

Como vimos em nosso trabalho, no centro da psicanálise se encontra a fala e o inconsciente. O método de Freud possui uma parte técnica definidora de seu fazer clínico, que conta com uma regra fundamental, chamada associação livre, determinante de um modo específico de uso lingüístico. O uso diferenciado de produção de fala tem como justificativa a existência de uma lógica inconsciente e, como conseqüência, a necessidade de acessá-la por meio da linguagem. Para isso, Freud, ao criar seu método próprio, reformula, em alguns aspectos, os traços conversacionais a fim de possibilitar o acesso a esses conteúdos psíquicos.

O princípio cooperacional da psicanálise configura-se na regra fundamental — associação livre e sua contrapartida, a atenção flutuante — que formam um princípio conversacional específico, para o propósito psicanalítico. Pode ser enunciado, basicamente, da seguinte maneira: “Diga tudo que lhe ocorra à mente, e eu escutarei prestando igual reparo a tudo.” O analista através da introdução dessa regra fundamental faz com que seu paciente se comprometa, pelo menos conscientemente, com o contrato analítico.

As máximas tradicionais asseguradoras do princípio de cooperação conversacional não são adequadas à manutenção do princípio cooperacional específico da psicanálise. Com isso, o retorno por parte do analisando às máximas tradicionais do discurso são entendidas como fruto da resistência. Alguns argumentos utilizados na tentativa de remeter o paciente novamente ao princípio analítico podem ser tomados como máximas psicanalíticas, já que têm como papel principal manter a cooperação.

As máximas conversacionais propostas por Grice — que exigem basicamente clareza, ordem, veracidade, concisão — como traços fundamentais do discurso, se aplicadas ao trabalho psicanalítico, acabam por impedir o objetivo proposto pelo trabalho, já que o Inconsciente, contrariando esses traços, tem como característica ser intemporal, não conter contradição, funcionar sob mecanismos como a condensação e deslocamento, e ter uma realidade própria. A psicanálise pressupõe que existe resistência ao acesso psíquico. Por essa razão e devido ao fato de visarem o entendimento dessa realidade psíquica — revelada através de sentidos ocultos, de um texto que se escreve nas entrelinhas, nas lacunas, nos lapsos — demanda uma relativização nas máximas conversacionais propostas por Grice, no que se refere à exigência de quantidade, qualidade, relação e modo. A tabela comparativa ilustra essa flexibilização:

	Conversação	Fala em análise
Princípio de cooperação conversacional	“Faça sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado.”	Diga tudo que lhe passa pela mente e eu escutarei prestando igual reparo a tudo.
Quantidade	“Faça com que sua informação seja tão informativa quanto o requerido (para o propósito corrente da conversação).” “Não faça sua contribuição mais informativa do que é requerido.”	Faça com que sua contribuição seja tão informativa quanto requerido para o propósito desse trabalho terapêutico. Fale o que sabe sobre você, o que acontece em seus pensamentos. Faça sua contribuição, independente se vá parecer mais informativa que o requerido normalmente.
Qualidade Relação	“Trate de fazer uma contribuição que seja verdadeira.” “Não diga o que acredite ser falso.”	Não deixe de dizer o que lhe ocorre mesmo que lhe pareça falso ou mesmo que seja para os outros.

R E S I S T Ê N C I A

	Conversaço		Fala em análise
	“N		N
	“Seja relevante.”		Fale tudo, mesmo que n
			Seja o mais particular poss
			Diga o que lhe pesa o cora
			N
Modo	“Seja claro.”		N
	“Evite obscuridade de		Fa
	“Evite ambigüidades.”		que pare
	“Seja breve (evite		N
	desnecessária).”		deixe
	“Seja ordenado.”		conduza.

Conclui-se, portanto, que a técnica psicanalítica modifica os traços gerais do discurso, a partir de um princípio de cooperação conversacional próprio, visando o acesso a conteúdos inconscientes. Essa modificação, nos traços gerais da conversaço, faz com que deixe de ser apenas ferramenta de trabalho para transformar-se em seu meio e objeto, diferenciando a técnica psicanalítica dos outros modos de fazer clínica. Retomando a idéia de Freud: “As palavras são um material plástico, que se presta a todo tipo de coisas”. (FREUD, 1905, p. 41)

Recebido em 13/9/2002. Aprovado em 4/11/2002.

REFERÊNCIAS

- AUSTIN, J. L. (1962/1990) *Quando dizer é fazer: Palavras e ação*. Tradução de Danilo Marcondes. Porto Alegre, Artes Médicas.
- BENVENISTE, E. (1966/1988) *Problemas de lingüística geral*. I. Tradução de Maria da Gloria Novak e Maria Luiza Neri., revisão de Isaac Nicola Salum. Campinas, Pontes (Editora da Universidade Estadual de Campinas).
- BERLINK, M. (2000) *Psicopatologia fundamental*. São Paulo, Escuta.
- DUCROT, O. (1972) *Princípios de semântica lingüística*. São Paulo, Cultrix.
- FREUD, S. (1996) *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (ESB)*. Rio de Janeiro, Imago.
- (1896) “A hereditariedade e a etiologia das neuroses”, v. III, p. 143-162.
- (1901a) “Sobre os sonhos”, v. V, p. 655-700.
- (1901b) “Sobre a psicopatologia da vida cotidiana (esquecimentos, lapsos de fala, equívocos na ação, superstições e erros”, VI, p. 11-272.
- (1905) “Os chistes e sua relação com o inconsciente”, VIII, p. 9-220.
- (1909) “Notas sobre um caso de neurose obsessiva”, X, p. 11-216.
- (1912) “Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise”, XII, p. 121-134.
- (1913a) “Totem e tabu”, XIII, p. 11-162.
- (1913b) “Sobre o início do tratamento (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I)”, XII, p. 135-158.
- (1914) “Recordar, repetir e perlaborar”, XII, p. 159-172.
- (1925) “A negativa”, XIX, p.261-270.
- (1926[1925]a). “Inibições, sintomas e ansiedade”, XX, p. 79-168.
- (1926b) “A questão da análise leiga”, XX, p. 173-240.
- FORRESTER, J. (1997) *Truth games: Lies, money and psychoanalysis*. EUA, Harvard University Press.
- GRICE, H.P. (1975) “Logic and conversation”, in COLE, P. & MORGAN, J. L. *Syntax and semantics*, v.3, Speech Acts. Academic Press, INC., Flórida.
- GRICE, H. P. (1975/1982) “Lógica e conversação”, in DASCAL, M. (org) *Fundamentos metodológicos da lingüística (IV)*. Tradução de João Wanderley Geraldi. Campinas, Unicamp.
- HEIDEGGER, M. (1984) “Sobre o humanismo”, in *Os Pensadores* (Tradução de Ernildo Stein). São Paulo, Abril Cultural.
- MARTINS F. & FREITAS, M. (1995) “Acerca da (de)negação em Freud”, in *Universa*, n. 2, v. 3, Distrito Federal, Universa, outubro, p. 466.
- VERGOTE, A. (1996) “De la technique analytique”, in *Psychoanalyse*, n. 10 (tradução nossa), École Belge de Psychoanalyse, p. 419-437.

Simone Ribeiro Garcia
 SQN 211 Bl. D, apto. 601
 70863-040 Brasília DF
 Tel (61) 349-6270 / (61) 9986-7659
 sicut@unb.br

Francisco Martins
 Tel (61) 307 2623 r. 302
 fmartins@unb.br